



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROBERLANGELA VIEIRA DANTAS

**RELIGIÃO E LITERATURA: ESCRITOS SOBRE O SAGRADO NO CORAÇÃO DO
BRASIL – O JARÊ EM *TORTO ARADO***

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

ROBERLANGELA VIEIRA DANTAS

**RELIGIÃO E LITERATURA: ESCRITOS SOBRE O SAGRADO NO CORAÇÃO DO
BRASIL – O JARÊ EM *TORTO ARADO***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192r Dantas, Roberlangela Vieira.
Religião e literatura: escritos sobre o sagrado no coração do Brasil - o Jarê em *Torto Arado* [manuscrito] :
/ Roberlangela Vieira Dantas. - 2022.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2022.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo ,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Sociedade. 2. Racismo. 3. Religiosidade. 4.
Desigualdade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ROBERLANGELA VIEIRA DANTAS

RELIGIÃO E LITERATURA: ESCRITOS SOBRE O SAGRADO NO CORAÇÃO DO
BRASIL – O JARÊ EM *TORTO ARADO*

Aprovada em: 06/12/2022.

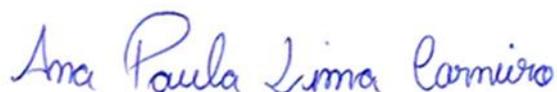
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
UEPB – CCHA/DLH



Examinadora: Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB – CCHA/DLH

AGRADECIMENTOS

A princípio, quero dedicar minha gratidão a Deus por sempre ser meu guia e me fortalecer nos momentos de dificuldade. À minha família por representar minha base, pela torcida e encorajamento.

Aos professores, tanto do ensino básico como os da universidade, que contribuíram para a minha formação doando seu tempo e conhecimentos, além de atuarem como verdadeiros incentivadores e exercerem a missão de transformar vidas.

Ao professor Fábio pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e paciência em tornar possível a concretização desta pesquisa. À banca examinadora, especificamente os professores Auríbio e Ana Paula por terem aceitado o convite para avaliar esta pesquisa. À coordenação e ao departamento de Letras que forneceram o suporte necessário durante todo o curso.

Finalmente, direciono meus agradecimentos aos meus colegas de turma pelo companheirismo, pelos momentos de alegria e anseios compartilhados e por fazerem parte desse processo. Em especial, à Eduarda Carmélia, Raíssa Flávia, Jordânia Dantas, Taiza Ferreira, Márcia Patrícia e Francisca Mayara por demonstrarem o genuíno significado da amizade e respeito, por tornarem a caminhada mais leve e me fazer sentir acolhida, pela compreensão e apoio nas ocasiões de aflição e correria em decorrência dos trabalhos da faculdade. Vocês são coparticipantes de todo o êxito alcançado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 LITERATURA, REGIONALIDADE E CULTURA: NAS VEREDAS DO RECÔNCAVO BAIANO	9
2 A POLÍTICA NO ROMANCE: LITERATURA E RESISTÊNCIA NA TRAMA FICCIONAL.....	15
3 <i>TORTO ARADO</i> : ANÁLISE DOS FRAGMENTOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27

RELIGIÃO E LITERATURA: ESCRITOS SOBRE O SAGRADO NO CORAÇÃO DO BRASIL – O JARÊ EM *TORTO ARADO*

RELIGION AND LITERATURE: WRITINGS OF THE SACRED IN THE HEART OF BRAZIL – THE JARÊ IN *TORTO ARADO*

Roberlangela Vieira Dantas*
Fábio Pereira Figueiredo**

RESUMO

O presente trabalho debruça-se sobre o jarê, principal traço cultural e religioso de uma comunidade de afrodescendentes que tem sua história narrada ao longo do enredo de *Torto Arado*, obra de Itamar Vieira Júnior (2019). No romance, essa população negra residente no sertão da Bahia se encontra submetida a condições de trabalho análogas à escravidão e sobrevivendo diante de um contexto opressor. Desse modo, objetiva-se demonstrar como a religião, enquanto aspecto cultural, pode interferir em uma determinada realidade social. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico com métodos qualitativos e analíticos e embasando-se nas teorias de Candido (1967, 2000), Goldmann (1967), Howe (1998) e Lucas (1970). Posto isso, percebeu-se a presença de um caráter de contestação na literatura que, ao trazer para a esfera ficcional questões sociais e culturais, busca denunciar as mazelas que afligem as camadas mais fragilizadas da sociedade e afirmar a identidade de um povo. Ademais, observou-se que a origem do jarê e seu pertencimento exclusivo à região da Chapada diamantina estão relacionados com o afluxo de uma coletividade escravizada para atividades como a exploração do diamante no fim do século XVIII e início do XIX e que seus rituais e festas têm funções primordiais para a comunidade local. Portanto, pode-se constatar a importância do papel da religião enquanto aspecto atuante na manutenção de um grupo social, que além de revelar os valores que o rege, sua história e identidade, demarca uma base de resistência e resiliência em frente às injustiças e ao isolamento social.

Palavras-chave: Sociedade. Racismo. Religiosidade. Desigualdade.

ABSTRACT

The present work focuses on the jarê, the main cultural and religious trait of an afrodescendant community which has their history narrated throughout the storyline of *Torto Arado*, work of Itamar Vieira Júnior (2019). In the novel, this black population resident in the hinterland¹ of Bahia is currently subjected to working conditions similar to slavery and surviving against an oppressor context. In this way, the objective is to demonstrate how the religion, as a cultural aspect, can interfere in a particular social reality. It is a bibliographical nature research with analytical qualitative methods and

* Graduada em Letras (português) pela UEPB. E-mail: roberlangelavieira@gmail.com.

** Professor Mestre DE/DLH/UEPB, CAMPUS IV.

¹ Sertão.

basing itself on the theories of Candido (2000 e 1967), Goldmann (1967), Howe (1998) e Lucas (1970). That said, it was noticed the presence of a contestation character in the literature that, by bringing social and cultural questions to the fictional realm, aims to denounce the ills that afflict the most vulnerable layers of society and to affirm the identity of a people. In addition, it was observed that the origins of jarê and its exclusive belonging to the Chapada Diamantina region are related with the influx of an enslaved community for activities such as diamond exploration in the end of the 18th century and early 19th and their rituals and celebrations have primordial functions to the local community. Therefore, it can be seen the importance of the role of the religion as an active aspect in the maintenance of a social group which, beyond revealing the values that rules it, their history and identity, demarcates a resistance and resiliency basis against the injustices and social isolation.

Keywords: Society. Racism. Religiosity. Inequity.

INTRODUÇÃO

O romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, apresenta em seu enredo uma comunidade, sobretudo, de afrodescendentes que habita o interior da Bahia, especificamente a Chapada Diamantina, e que possui uma religião muito singular: o jarê. A religiosidade tem forte influência no cotidiano das personagens, que sofrem adversidades pelo fato de viverem em condições de trabalho análogas à escravidão, sem direito à terra e em um isolamento social. As protagonistas, duas irmãs, mantêm uma forte ligação com o jarê, a qual intervém no desfecho de suas histórias e nos seus papéis enquanto mulheres daquele espaço.

Desse modo, a pesquisa objetiva demonstrar como a religião, enquanto aspecto cultural, pode interferir em uma determinada realidade social, sendo esta permeada por resquícios da escravização laboral e gerando diversas implicações no modo de vida das pessoas retratadas na obra. Posto isso, faz-se pertinente que haja uma discussão sobre esse panorama, de modo a alertar para a exploração e precarização do trabalho humano, bem como entender os aspectos relacionados à exclusão do povo negro nos espaços sociais do Brasil e verificar a representação identitária da mulher no texto literário.

Torto Arado é um romance lançado, primeiramente, em Portugal no ano de 2018, e em seguida no Brasil, em 2019. A repercussão que gerou em ambos os países vem rendendo-lhe prêmios tais como o LeYa (2018), Jabuti e Oceanos (2020). Seu autor, o geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos Itamar Vieira Junior buscou retratar a partir de suas observações e vivências, resultantes de suas pesquisas acadêmicas no sertão da Chapada Diamantina e de seu trabalho como servidor público, uma face do real considerada por muitos como superada, onde a abolição da escravatura pouco tem significância. Ao ponderar acerca da dinâmica e do poder de comunicação do texto literário, Antonio Candido (2000) ressalta que:

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz (CANDIDO, 2000, p. 33).

Em *Torto Arado*, obra que inaugura a carreira de Itamar como romancista, há uma iniciativa de se mostrar um Brasil desconhecido ou esquecido. Em uma

entrevista dada ao programa de televisão “Roda Viva”, em 15 de fevereiro de 2021, cuja edição está disponibilizada no *Youtube* (no canal que leva o mesmo nome do programa), o escritor declara que intentou, para além da ficção, revelar um “Brasil profundo”, onde predomina, por muitas vezes, a injustiça, a exclusão e o abandono governamental. Além de debruçar-se na descoberta dos problemas do campo brasileiro, Itamar denota também ter se inspirado na produção literária das gerações de 30 e 45, em autores tais como: Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Nesse sentido, na tradição do surgimento de obras de valor, seu desenvolvimento ocorre “seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas” (CANDIDO, 2000, p. 24). O intuito de mostrar um Brasil de profundidades também esteve no ideário de autores da chamada “literatura regionalista”,

Ao lado da ênfase ao elemento indígena, outros autores, na busca de autonomia, adotaram o critério de contrapor o litoral ao interior: enquanto o rico e demograficamente denso litoral se confundia com o pensamento cosmopolita, as populações abandonadas no interior representariam o verdadeiro Brasil. Daí, a grande corrente sertanista, que vislumbra o elemento nacional e singular da cultura brasileira nos costumes e falares do interior do país (LUCAS, 1970, p. 25-26).

Assim, *Torto Arado* narra uma vida de aridez presente no espaço rural, que também é um elemento recorrente nas obras da geração de 30. Porém, ao seu modo, atualiza essa temática aliando-a a questões étnico-raciais e fundiárias, demonstrando que estas ainda persistem no campo brasileiro, causando impacto sobre o leitor.

A pesquisa, que consiste em uma análise do romance já citado, especialmente em relação ao aspecto religioso, fundamenta-se nas teorias de Antonio Candido (1967, 2000), Fábio Lucas (1970), Lucien Goldmann (1967) e Irving Howe (1998), sendo os primeiros, grandes nomes da crítica brasileira e os últimos da internacional. No cenário da crítica literária, os escritos de ambos ostentam contribuições valiosas e, desse modo, foram reunidos como aporte nesta pesquisa.

Além da questão étnico-racial e fundiária, o romance aborda, em detalhes, a riqueza cultural dessa população que vive em uma área rural baiana, e notadamente apresenta particularidades sobre a religiosidade local ao fazer a descrição das festas, dos rituais, crenças e do tratamento das enfermidades. Nessa perspectiva, no processo de composição da referida obra podem ser observadas filiações com a ficção de Guimarães Rosa, pois assim como Itamar Vieira Junior:

Teve o romancista a capacidade de ligar a mais requintada cultura universal às mais singelas variações da psicologia regional numa vibração dionisíaca bastante próxima da índole brasileira. Atingiu frequentemente a grandeza épica, construída em torno de heróis forjados no sofrimento e no desafio. A atmosfera de sua ficção está mergulhada na espiritualidade e no encantamento, projetada no contexto religioso e na paixão do desconhecido (LUCAS, 1970, p. 37).

A temática do jarê apresenta visibilidade na ficção de Itamar, ganhando proporções decisivas na construção de seu enredo. Logo, averiguar como esta religiosidade aparece na obra, sobretudo como elemento de insubordinação, também é um modo de constatar como a literatura enquanto arte pode ser crítica e um instrumento de denúncia, pois segundo Goldmann (1967), o romance é uma forma complexa para qual influi aspectos do cotidiano e da sociedade, sendo resultado de uma pesquisa de valores em um mundo de degradações.

Assim, esta pesquisa se faz relevante no sentido de trazer informações sobre uma forma de credo pouco conhecida no Brasil, justamente porque “se desenvolveu e se perpetuou exclusivamente na Chapada Diamantina” (BANAGGIA, 2017, p. 125), e especialmente, apresentar como o jarê é retratado pelo autor de *Torto Arado*, com a sua função social para as pessoas daquela localidade, compondo toda uma rede de costumes e tradições.

Desta forma, a discussão em torno desse credo, como traço social e cultural na composição da mencionada narrativa, evidencia a sua contribuição e importância para se vislumbrar o contexto ao qual faz referência. “O texto é integração de elementos sociais e psíquicos, estes devem ser levados em conta para interpretá-lo” (CANDIDO, 2000, p. 34). Portanto, investigar esta vertente religiosa e seu poder de comunicação em uma sociedade de excluídos é pertinente para se perceber a dinâmica do romance, seus intuítos e revelações para os leitores da contemporaneidade.

1 LITERATURA, REGIONALIDADE E CULTURA: NAS VEREDAS DO RECÔNCAVO BAIANO

Primeiramente, para se compreender a fundo a vivacidade de *Torto Arado* é relevante que sejam abordados os aspectos externos e extratextuais que inspiraram a sua trajetória de produção até que a versão final fosse publicada. Seu autor, Itamar Vieira Júnior, nasceu na periferia de Salvador em 1979, possui ampla carreira

acadêmica colecionando graduação e mestrado em geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e depois, nessa mesma instituição, cursou um doutorado na área de Estudos Étnicos e Africanos. O interesse pelo estado da Bahia e sua formação social influenciou na sua tese de doutorado que estava voltada para o estudo de comunidades quilombolas que ficam na Chapada Diamantina.

Ainda na infância, como destaca Itamar Vieira Junior (2021d), ele despertou seu gosto pela leitura e seu encantamento pela literatura. Isso o levava a frequentar bibliotecas públicas e até mesmo pegar livros emprestados com um vizinho. Sobre sua relação com a ficção, o escritor baiano afirma: “eu sou apaixonado por literatura desde muito cedo, os primeiros livros que eu li me marcaram de uma maneira tão definitiva que naquele momento eu disse: ‘eu quero ser escritor’ e nem sabia exatamente o que era isso” (VIEIRA JUNIOR, 2022a).

Suas experiências como leitor fizeram com que o geógrafo empreendesse suas primeiras iniciativas em escrever textos literários. Assim, aos 16 anos, ele inicia a primeira versão de *Torto Arado*, conforme comenta:

Torto Arado [...] é um romance que me acompanha há muito tempo. A primeira tentativa de escrevê-lo foi na adolescência ainda, eu tinha só 16 anos, mas estava profundamente marcado pelas leituras dos romances da geração de 30 e 45, principalmente os romances que se passam no Nordeste brasileiro, aí temos a Rachel de Queiroz, o Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, são muitos. [...] Claro, eu não tinha maturidade pra escrever esse romance. Eu cheguei a escrever 80 páginas, mas essas páginas se perderam numa mudança que fizemos (VIEIRA JÚNIOR, 2021c).

Essa escrita preliminar do livro, como relembra Vieira Junior (2021c), já tinha como protagonistas duas irmãs que nutriam uma forte relação entre elas, com o pai e com a terra. O foco do enredo já se voltava para questões relativas à terra, porém muitas temáticas apresentadas na versão final não apareciam ainda, era algo mais superficial por causa da sua falta de experiência. Entretanto, essa maturidade viria anos depois e suscitaria uma nova escrita, dessa vez, com uma imensa complexidade de temas, diferentemente das primeiras páginas que foram perdidas.

Além disso, o seu vínculo com a literatura ao longo do tempo também interferiu na escolha da titulação do romance, como destaca Itamar Vieira Júnior (2021a), em uma entrevista ao programa “Roda Viva” da TV Cultura, ao dizer que o referido título vem de um verso do poema *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga.

As vivências do romancista baiano com o campo brasileiro começaram após concluir sua graduação, quando decidiu procurar um trabalho com estabilidade e participar de vários concursos públicos, alguns para professor, conseguindo aprovação em quatro deles. “No mesmo período, fui aprovado para trabalhar no Incra. Eu precisaria ir trabalhar no Maranhão quando comecei no Incra, o que foi um peso favorável. Era uma experiência nova, que me desafiaria mais do que a sala de aula” (VIEIRA JÚNIOR, 2021b).

Quando deu início às suas atividades no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão público responsável pela execução da reforma agrária no Brasil, Itamar começou a enxergar uma realidade profunda, de conflitos e injustiças, a qual é ignorada pela maioria da sociedade. Entre suas atribuições no INCRA estavam tarefas ligadas à educação no campo e à feitura de documentação para trabalhadores rurais.

Os três primeiros anos de trabalho como servidor público foram no estado do Maranhão, em seguida retornaria à Bahia. Esse período de tempo rendeu-lhe contatos com um contexto que o chocou e reviveu, em sua mente, a ideia de reescrever *Torto Arado*, como pontua:

Eu senti vontade de escrever esse romance de novo quando, trabalhando no interior do Maranhão, eu me deparei com famílias vivendo em situação de servidão, como agregados de fazendas, sem direito a construir uma habitação de alvenaria, uma habitação adequada, sem direito a salário, e aquilo me chocou sobremaneira porque eu conheci esse Brasil através da literatura, dos livros de história e achava que era algo superado em nossa sociedade (VIEIRA JÚNIOR, 2021a).

Regressando à Bahia, seu trabalho ocorre, principalmente, em comunidades quilombolas, espaços com presença constante de conflitos fundiários, além da exploração do trabalho humano. Um desses agrupamentos, o povo Iúna, que fica na cidade de Lençóis (na Chapada Diamantina), foi objeto de estudo da sua tese de doutorado. Como servidor do INCRA, sua principal função era trabalhar em prol da regularização das terras quilombolas. Nesses locais, conheceu a realidade dessas disputas por terras, que resultavam, na maioria das vezes, em assassinatos que vitimavam sempre o lado mais fragilizado.

O campo vive uma violência permanente ainda, é um lugar de muitas tensões. Parece que é um Brasil que está encachado ali, no passado, que resiste em ser superado. Eu vi muitos trabalhadores que eu conhecia, ao longo desses 15 anos, morrerem nesses conflitos fundiários. Tudo isso me

marcou de uma maneira muito forte e atravessa o romance (VIEIRA JÚNIOR, 2021c).

Assim, diante de tudo que testemunhou como servidor público em uma conjuntura tão árida, a ideia de escrever um romance que abordasse essas questões tornou-se cada vez mais necessária. Para Itamar Vieira Júnior (2021c), a história de *Torto Arado* é uma forma de tornar conhecida a realidade do campo brasileiro, bem como do trabalhador rural, do indígena e do quilombola.

Além de suas vivências que o fizeram observar as tensões e a violência presentes no cenário rural do país, outro fator que o inspirou na produção de *Torto Arado*, conforme menciona em entrevista ao canal do *youtube* “*Todavia*”, em 2022, foi sua história ancestral relatada por seu pai, que vivia com os avós no campo, numa comunidade chamada “Coqueiro do Paraguaçu”. Os bisavós paternos de Itamar são de descendência afro-indígena, enquanto a bisavó era ceramista, o bisavô era agricultor e plantava em terra alheia tendo que dar porcentagem da colheita para o dono da propriedade. Todas essas experiências, que foram compondo o repertório de vida e das memórias do escritor, percorrem o enredo do respectivo romance, além de proporcionar uma riqueza de detalhes culturais que permeiam a composição do espaço e das personagens.

Torto Arado conta a história de Bibiana e Belonísia, filhas de humildes trabalhadores rurais afrodescendentes que residem no sertão baiano, cujos ancestrais sofreram com a escravatura. Entretanto, tanto a família das protagonistas quanto outras que vivem de favor em uma fazenda chamada “Água Negra” se encontram em condições de trabalho análogas à escravidão, sendo exploradas em troca de terem um pedaço de terra para morar.

A vida das duas irmãs é impactada quando, em sua infância, encontram uma faca pertencente a sua avó paterna Donana, escondida em uma mala. O incidente que se sucede faz com que uma seja a voz da outra, tornando-as cada vez mais próximas. À medida que vão crescendo, o destino de ambas é marcado por lutas, desafios e pela opressão, ao mesmo tempo em que veem a ligação que possuem com a terra e com seu pai (o líder religioso local) aumentar.

Em termos cronológicos, o enredo não possui uma demarcação de tempo clara e citada objetivamente no texto, em vez disso, o autor optou estrategicamente

por deixá-la subentendida nas linhas do romance. Sobre esse detalhe estrutural, Itamar Vieira Júnior (2021a) assinala que

Enquanto eu escrevia, para mim era interessante manter essa dúvida no leitor (em que tempo se passa exatamente essa história?), eu, como autor, sei e dou até algumas pistas: aparece ali uma Ford rural quando as meninas são crianças, tem uma referência a uma seca de 32, mas elas já não viveram, foi uma seca que foi vivida pelos antepassados, aparece já mais ao final uma motocicleta quando ocorre um incidente importante no livro (VIEIRA JÚNIOR, 2021a).

Assim, a intenção em torno da escolha do autor em não revelar explicitamente o tempo em que se decorre a história consiste justamente em que o leitor, ao juntar detalhes e fatos ocorridos, descubra por si próprio através do exercício da leitura e da reflexão. Nessa perspectiva, “é possível deduzir por referências que transcorre nas décadas de 1970/80” (PEREIRA, 2021 *apud* SILVA, 2021, p. 29).

O enredo se desenrola em primeira pessoa. A obra é dividida em três partes: sendo a primeira (“Fio de corte”) narrada por Bibiana, a segunda (“Torto Arado”) por Belonísia e a terceira (“Rio de Sangue”) pela encantada Santa Rita Pescadeira (uma entidade do jarê), dando uma visão espacial mais ampla e onipresente da história. Segundo Itamar Vieira Júnior (2021a), a primeira versão de *Torto Arado* tinha um narrador em terceira pessoa, porém na segunda, ele decidiu direcionar essa ação às protagonistas com o objetivo de aproximá-las do leitor e como forma de expressar a força e a representatividade feminina nessa conjuntura.

Desde seu lançamento, *Torto Arado* tem repercutido no cenário literário brasileiro e internacional, ganhando leitores e espaço entre a crítica. Entretanto, dificuldades foram encontradas pelo autor no processo de publicação do romance inicialmente no Brasil, motivo que explica o fato de que a obra foi publicada primeiramente em Portugal. Um dos obstáculos foi a falta de credibilidade que as editoras (nesse contexto, brasileiras) depositam em escritores que estão ingressando na carreira literária, e isso fez com que Itamar nem mesmo chegasse a enviar seu texto para uma grande editora após concluí-lo, conforme relata:

Não mandei. Eu já sabia a resposta. Ninguém iria querer. Pensei em uma pequena editora para publicar, pois elas se arriscam. Patuá, Reformatório, Moinhos, Relicário, Penalux estavam no meu horizonte, mas fui surpreendido antes de enviar a elas pelo Prêmio LeYa (VIEIRA JÚNIOR, 2021b).

Após ser premiado em Portugal, o livro foi alvo de imensa divulgação no país europeu, o que fez com que o romance também ganhasse visibilidade no Brasil e fosse publicado pela editora Todavia, a qual é renomada e de grande porte no mercado editorial nacional.

Esse fato promove a reflexão de que o Brasil ainda não superou por completo a síndrome de país colonizado, pois em alguns espaços, até mesmo culturais, valoriza-se com demasia aquilo que tem prestígio no exterior. Possivelmente, se não fosse o prêmio LeYa, *Torto Arado* teria que passar por um percurso mais longo até alcançar o reconhecimento que tem atualmente na esfera literária brasileira.

Apesar dos percalços até seu lançamento, todo o sucesso conquistado por *Torto Arado*, nacional e internacionalmente, torna perceptível os seus méritos e riqueza enquanto obra, assim como suas contribuições para a literatura brasileira e de língua portuguesa. Segundo Karnal (2021), o romance tem se tornado um *best-seller* pois conquista, cada dia mais, leitores e a crítica, e feito de Itamar Vieira Júnior o escritor mais lido e de destaque da literatura brasileira na atualidade.

Em termos estéticos, o livro possui uma linguagem rica e muito singular. No tocante a isso, Karnal (2021) explica sua originalidade ao citar que o escritor cria um estilo próprio ao compor o romance. Já em aspectos gerais, Leandro Karnal considera *Torto Arado* uma narrativa que além de ser “forte, é uma linguagem específica, traz uma realidade muito original e, ao mesmo tempo, muito tradicional para esse plano da consciência nacional” (KARNAL, 2021).

A obra retrata o cotidiano de trabalhadores rurais esquecidos e explorados no sertão da Bahia. Desse modo, segue toda uma tradição iniciada com os escritores regionalistas da geração de 30, salientando um contexto desconhecido de opressão e violência no campo, ocasionado não somente por aspectos naturais, mas por questões históricas e sociais. Nesse sentido, a narrativa de Itamar é comparada com grandes produções da literatura nacional. Ao refletir acerca do impacto produzido pelo romance, Silva pontua que:

o romance insere fundamentos e elementos da matéria brasileira, no que tange à formação de um país, cujas bases estão na escravatura, dando voz à personagens que inserem a realidade histórica na literatura e, assim, constituem uma narrativa que evidencia tanto as condições de trabalho rural do século XX, quanto as permanências destas no mundo contemporâneo (SILVA, 2021, p. 34).

Posto isso, é relevante perceber que a comoção provocada pelo desenvolvimento da história está no âmbito da construção de uma consciência das nossas raízes escravocratas enquanto nação, mostrando as suas consequências, as injustiças geradas historicamente e como perduram até a atualidade. Ademais:

mediante a rememoração, o enredo traz uma narrativa ancestral entrelaçada com o presente, cujas vozes femininas contam a história constituída de diversas simbologias, possibilitando [...] questionar a [...] exploração da mão de obra em que as relações de trabalho são análogas à escravidão, conhecimento do território para além da atividade laboral – como uso de ervas medicinais –, e, ainda, a ancestralidade marcada por questões raciais e religiosidade (SILVA, 2021, p. 29).

Somando-se à reflexão social, outra contribuição do romance é documentar além dos aspectos de ancestralidade, uma riqueza cultural pouco conhecida de um lugar remoto do Brasil. Segundo Karnal (2021), *Torto Arado* possibilitou ao Brasil descobrir o jarê através de uma obra literária. Esse fato incentiva, de certo modo, a desconstrução de preconceitos que envolvem o povo afrodescendente e suas manifestações religiosas.

2 A POLÍTICA NO ROMANCE: LITERATURA E RESISTÊNCIA NA TRAMA FICCIONAL

O texto de caráter literário é, além de uma composição ficcional e estética, um campo no qual se aborda tensões sociais. A presença de uma natureza política na literatura é enfatizada por críticos como Irving Howe, Lucien Goldmann, Antonio Candido, entre outros. “A política se constrói por interesses que geram negociações, trocas, ganhos e perdas, é necessário cuidar que a literatura não está imune a isto, seja no texto literário, a ficção propriamente dita, seja no aspecto exterior ou físico da autoria” (CARMO, 2018, p. 51).

Assim, não há possibilidade de neutralidade na criação literária, essa postura acaba consistindo apenas na atitude de ser conivente com as estruturas dominantes de poder. Costumeiramente, as produções ficcionais, com realce para a narrativa, são carregadas de uma consciência seja para reafirmar preconceitos, estigmas, ideologias de dominação ou para denunciar as mazelas presentes na sociedade e a opressão em suas múltiplas formas.

O romance é um dos gêneros onde a crítica social mais encontrou espaço. Ao surgir no momento em que ocorreu o desenvolvimento da classe burguesa,

apresentou, inicialmente, uma forma chamada de picaresca e em seguida, no século XIX, ganhou os moldes modernos.

O romance picaresco, através da figura do herói-fanfarrão, sugeria obliquamente as novas possibilidades de mobilidade social. [...] o herói típico do romance do século XIX estava profundamente envolvido com o testar a si mesmo e, portanto, seus valores, contra os remanescentes da resistência aristocrática e os símbolos grosseiros do novo mundo comercial que ofendiam sua sensibilidade (HOWE, 1998, p. 5).

Nesse primeiro momento, o olhar romanesco estava focado nas relações da burguesia e exprimia pouco empenho em analisar a organização social e suas discrepâncias. Segundo Howe (1998), na literatura universal, esse gênero apresentava a sociedade com certa estabilidade e cita como exemplo a produção da escritora inglesa Jane Austen. Após isso, a visão do romancista passou a se direcionar com mais criticidade para as questões ligadas à coletividade. Desse modo, surge o romance com preocupações políticas, e os grandes nomes do universo da ficção revelaram-se comprometidos em transmitir suas ideologias.

A literatura se transformou, com o tempo, em um instrumento de contestação na medida em que a sensibilidade do escritor se voltava para os problemas enfrentados pelo povo e para os sistemas políticos opressores. Logo, não se pode deixar de citar o exemplo dos escritores russos, que produziram sua arte em um contexto de repressão advinda do regime czarista no início, e depois, das ditaduras atreladas ao partido comunista após a revolução em 1917.

Na Rússia do século XIX as categorias usuais de discurso tendem a sucumbir. Política, religião, literatura, filosofia – não mais se enquadram em departamentos ordenados da mente. Comprimidas pela censura czarista, as ideias adquirem uma concentração extraordinária; [...] e é por esse motivo, ao abordar o romance russo, que se deve encarar a religião como um ramo da política e a política como uma forma de religião (HOWE, 1998, p. 33).

Na Rússia, variadas temáticas convergiam para serem discutidas dentro do âmbito literário, pois era o único meio em que era possível fazer isso e ao mesmo tempo driblar a censura estabelecida pelo sistema político. O fato de o texto ficcional não ter compromisso com a verdade fez com que ele fosse o espaço no qual houvesse mais liberdade para tratar de assuntos sensíveis e que geram implicações. O foco dos autores era a crítica social, de forma a expor a exploração humana, a pobreza, a burocracia nas relações públicas, dentre outras questões.

Os escritores russos, na sua maioria filósofos e pensadores, utilizavam a linguagem como recurso nas suas denúncias: as metáforas, o humor e a ironia eram frequentes em seus textos. Esses artifícios não são marcas exclusivas apenas da literatura russa, pois ao longo do tempo, diversos autores de outras nacionalidades recorrem a eles para realizar seus protestos. É importante ressaltar que, nesse aspecto, os russos influenciaram literatos brasileiros de renome como Graciliano Ramos, por exemplo. A respeito disso, Goldmann (1967, p. 13) escreveu que “o romancista deve ultrapassar a consciência de seus heróis e que essa superação (humor ou ironia) é esteticamente constitutiva da criação romanesca.”

Outros romancistas da literatura universal também fazem uso da ironia para apresentar suas preocupações. Howe (1998) lista nomes como Stendhal, de nacionalidade francesa, Orwell, Conrad, entre outros que buscavam revelar as enfermidades geradas pelas correntes políticas às quais se opunham.

Ao analisar o caráter denunciador da obra ficcional, não se pode deixar de mencionar movimentos como o naturalismo e o realismo que surgiram na segunda metade do século XIX. Na Europa, recebendo os fundamentos a partir do romance *O germinal* de Émile Zola, o naturalismo, em paralelo como o realismo, foi capaz de revelar a opressão gerada pelas relações de um capitalismo selvagem, que retiraram a dignidade dos seres humanos a ponto de receberem atributos animais. Questões como a exploração humana, o racismo e a pobreza são tratadas sem nenhum tipo de idealização.

Posteriormente no Brasil, possuindo as mesmas ideologias europeias, mas com um olhar voltado para os problemas locais, tanto o naturalismo como “o chamado realismo e, principalmente, os artifícios do romance social, buscaram quase sempre trazer para a ficção os grupos humanos mais desfavorecidos pela sorte” (LUCAS, 1970, p. 57). Nacionalmente, Aluísio de Azevedo foi o autor naturalista que mais teve visibilidade, sua obra tratava, sobretudo, das desigualdades sociais, da exploração do trabalho e do racismo.

Em relação ao Realismo brasileiro, Lima Barreto e Machado de Assis tiveram notável representatividade. “Lima Barreto fixou de modo especial a vida suburbana do Rio [...], o preconceito de côr e o desnível social” (LUCAS, 1970, p. 67). *Clara dos Anjos* foi uma de suas obras onde essas temáticas aparecem com maior evidência, pois tem como protagonista uma jovem negra do subúrbio que foi seduzida e descartada por um rapaz de classe média e que, ao final, se acha grávida e

desamparada. Já em relação a Machado de Assis, “embora não nitidamente, seu texto é carregado de um registro realístico que não negocia com os grupos politicamente predominantes” (CARMO, 2018, p. 55). Sua contestação focaliza, entre outros males, o racismo que, no conto *Pai contra Mãe*, por exemplo, é narrado de forma sutil. É importante perceber nessas obras como em outras, por outro lado, a exposição da violência sofrida pela figura feminina em uma sociedade com estrutura e raízes patriarcais.

Já no Modernismo brasileiro, que teve como marco inicial a semana de arte moderna, em 1922, o olhar do escritor ficou mais aguçado em relação às agruras nacionais. Nesse momento, a produção regional ganha destaque e se sobressai como preferência das chamadas gerações de 30 e 45. No regionalismo, o romance nordestino, principalmente com ambientação rural, aparece com mais evidência, deixando transparecer o sentimento de protesto de uma região historicamente esquecida.

O precursor do regionalismo nordestino foi Franklin Távora, “para ele (como atualmente para Jorge Amado e o José Lins do Rego, de *Banguê*, *Usina* e *Moleque Ricardo*), a região não era apenas motivo de contemplação, orgulho ou enlevo; mas também complexo de problemas sociais” (CANDIDO, 2000, p. 271). Dentre as mazelas denunciadas por essa literatura estava o coronelato, a pobreza e a exploração do trabalhador, por exemplo.

Ao descrever o cenário de uma sociedade predominantemente agrária e em declínio, “o romance nordestino associa muito bem a herança da cultura brasileira, latifundiária e patriarcal, ao espírito terrivelmente cumulativo do capitalismo, gerador de miséria e desemprego” (LUCAS, 1970, p. 78). Esse panorama, em que os velhos engenhos dependiam de mão de obra em condições abusivas de trabalho, serviu como aporte para a escrita de *Torto Arado*, que é considerado uma narrativa de “cunho regional” contemporâneo, o qual expõe o sertão onde o latifúndio ainda é marcado pela exploração de grupos historicamente fragilizados.

Nas suas inquietações quanto à opressão e às injustiças sociais, assim como Itamar Vieira Júnior, “os escritores nordestinos [...] fizeram de seu romance um largo depoimento, vazado na experiência e na observação direta de cada escritor. Trata-se de reproduzir fielmente a realidade, dentro do diapasão da linguagem usual” (LUCAS, 1970, p. 100). Por outro lado, é notável, além do enfoque social, a existência de uma preocupação entre os autores, não só do regionalismo, em

descrever e valorizar os aspectos culturais do espaço que aparece em suas obras. A importância dada à linguagem local é perceptível na literatura regional, assim como em *Torto Arado* Itamar Vieira Júnior traz para a sua escrita diversos termos predominantes da região retratada no seu enredo.

A religião, como parte constituinte de uma cultura, também não poderia ser ignorada pelo texto literário. O fator religioso pode revelar, em parte, o *ethos* de uma sociedade e apontar para a construção das formas de resiliência de uma comunidade diante de adversidades. Como destaca Howe (1998), a religião estava presente como importante traço na produção do escritor russo Dostoiévski, trazendo a ideia da salvação como superação de uma aura de pessimismo social.

Conforme Candido (1967, p. 65), “a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo”. Nesse sentido, o ato de simbolizar a cultura é uma forma de afirmação de uma identidade coletiva, e a religião diz muito sobre o conjunto de valores e mesmo a história de um grupo social. Como exemplo, podem ser citados os textos clássicos de Homero, *Ilíada* e *Odisséia*, epopeias que exaltam o povo grego e sua cultura em um momento em que a religiosidade norteava todas as áreas do saber e da sua organização enquanto civilização.

As obras de Homero, a partir dessa necessidade de representar, deixam transparecer a riqueza e toda a tradição da Grécia antiga, a ponto de relatarmos mais aspectos da conduta dessa nação que os próprios livros de história. Desse modo,

Os episódios da *Odisséia*, cantados nas festas gregas, reforçam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura (CANDIDO, 1967, p. 55).

Se, por um lado, a literatura homérica documentou elementos culturais, entre eles religiosos, como a mitologia ou o ritual das hecatombes, por outro, a literatura brasileira o fez, a princípio, como forma de firmar uma criatividade nacional, como resistência a da metrópole e como movimento de busca pela autonomia intelectual. De acordo com Lucas (1970), a emancipação política do Brasil impulsionou os autores do Romantismo a buscarem trazer os valores indígenas para uma produção com feições locais. Esse empenho pela valorização das particularidades do país persistiu a ponto de alcançar a fase do Modernismo.

Mário de Andrade, o principal agente do Movimento Modernista brasileiro, [...] escreveu em 1928 *Macunaíma* [...] livro perturbador, mergulhado na mitologia indígena, procurando criar uma linguagem que contivesse todos os regionalismos do país (LUCAS, 1970, p. 25).

Além de uma abordagem linguística apresentando uma infinidade de termos em tupi, Mário de Andrade, motivado por um sentimento antieuropeu, procurou forjar em *Macunaíma* a figura de um herói nacional a partir dos mitos indígenas. Guimarães Rosa, outro nome de distinta relevância para a literatura brasileira, seguiu essa mesma tendência trazendo para as suas obras toda a diversidade folclórica e regional que estava ao seu alcance.

Portanto, o ato de representação cultural na ficção também possui funções sociais e políticas. Ao analisar essa perspectiva, Lucas (1970, p. 28) constata que “o modernismo, [...] como reflexo da vida social, dividiu-se entre exprimir a luta de classes e a fixação da nacionalidade.” Logo, essa postura da literatura, assim como da arte de forma geral, corrobora para a instauração do sentimento de autonomia de um povo, ao estabelecimento de sua identidade e à sua manutenção enquanto organismo vivo e em movimento.

3 TORTO ARADO: ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

Em *Torto Arado* aparece uma expressão religiosa peculiar denominada de jarê. Esse credo tem sua origem e desenvolvimento exclusivamente na Chapada diamantina, região de clima semiárido e geograficamente serrana localizada no estado da Bahia. Segundo Banaggia (2017), principal estudioso do jarê na atualidade, o surgimento dessa religião tem relação com os fluxos migratórios que ocorreram no final do século XVIII e início do XIX, sobretudo de pessoas negras escravizadas que serviram de mão de obra no garimpo, cujo objetivo era a extração do diamante na Chapada. A memória desse contexto é citada nas falas das personagens mais velhas do romance, a qual é transmitida para os mais jovens através da oralidade.

Muito antes de nós, é o que dizem, chegou para cá muita gente, vindo com a notícia de que haviam sido encontradas minas de diamantes. [...] o que sabemos é que essa notícia trouxe mais escravos, trabalhadores livres, consulado de país estrangeiro para o interior e companhia de mineradores, tudo para retirar o diamante das serras. Sabe-se também que muito sangue foi derramado. [...] esta terra viveu em guerra de coronéis por muitos e

muitos anos. Para trabalhar no garimpo vieram muitos homens escravizados das vizinhanças da capital, dos engenhos que já não tinham mais a importância de antes, e das minas de ouro das Gerais (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

Em pleno regime escravocrata, a mão de obra trazida para esse território e que trabalharia na atividade de mineração veio de diferentes localidades do Brasil, além daquela que desembarcava diretamente da África. Assim, “o desenvolvimento histórico do jarê acompanhou esse mesmo sentido, sendo as cidades de Lençóis e Andaraí, nas lavras, consideradas o berço desta religião” (BANAGGIA, 2017, p. 125). Ademais, nas proximidades dessas primeiras cidades formou-se povoados voltados para a produção agrícola com a função de fornecer suprimentos alimentícios para aquelas. Esse fato pode explicar como se originou as fazendas retratadas na obra, como a “Água Negra” e a “Caxangá”. Desse modo, com a instalação de uma população negra nesse espaço, iniciou-se a organização de um tipo de religião de matriz africana que, para Alves e Rabelo (2009):

representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão onde à influência dos cultos Bantu-Yoruba sobrepusera-se elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo Kardecista (ALVES; RABELO, 2009, p. 1-2).

Conhecido, popularmente, como sendo um “candomblé de caboclos”, o jarê, como destaca Banaggia (2017), começou a ser praticado por senhoras afrodescendentes chamadas de “nagôs”, e que, em virtude da presença de grupos indígenas nesse local, acabou passando por um processo de sincretismo afro-indígena somando-se, posteriormente, a crenças do catolicismo rural.

A interferência do componente cultural indígena na formação do jarê deve-se, essencialmente, pelo contato desses dois povos, nativos e imigrantes. Essa relação é representada na obra de Itamar Vieira Junior, de forma mais visível, por meio da personagem Maria Cabocla, vizinha de Belonísia que sofre constantemente em decorrência da violência doméstica.

Só naquele momento vi de forma mais clara o rosto de Maria Cabocla, com sua pele acobreada de índia. De Maria guardava, sobretudo, as histórias das muitas fazendas por onde havia andado. Da avó que havia sido pega no mato a dente de cachorro (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 119).

O principal donativo dos ancestrais de Maria Cabocla, nessa manifestação religiosa, relaciona-se com as entidades que, com o tempo, foram assimiladas definitivamente. Por conseguinte, “as entidades passaram a ser chamadas todas de modo quase indistinto de ‘caboclos’, ainda que sua divisão em conjuntos específicos [...] por vezes enfatize ou atenua o caráter africano ou indígena de cada agrupamento” (BANAGGIA, 2017, p. 126). No enredo de *Torto Arado*, esses seres recebem a denominação de encantados, e sua composição provém das figuras místicas indígenas, dos orixás e de alguns santos católicos.

Minha avó retirou o cordão com um crucifixo de seu pescoço e passou pela cabeça do filho. ‘O velho Nagô me acompanha, mãe.’ [...] ‘Que os caboclos e os guias o acompanhem’, as palavras roçaram a boca de Donana. ‘Que o acompanhem Sete-Serra, Iansã, Mineiro, Marinheiro, Nadador, Cosme e Damião, Mãe d’Água, Tupinambá, Tomba-Morro, Oxóssi, Pombo Roxo, Nanã (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 183).

Ao longo da narrativa, além de serem citados seus diversificados nomes, são salientadas as matrizes das quais procedem e que dão uma espécie de classificação a eles. As divindades do jarê são reunidas em grupos de acordo com sua natureza e comportamento.

Havia profundidade nos olhares, nas preces, nos encantados, índios, negros, brancos, santos católicos, caboclos das matas, chegando um após o outro, e preenchendo o vazio dos campos da caatinga: sem deus, sem remédio, sem justiça, sem-terra (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 259).

Essas entidades com atributos espirituais participam das celebrações apossando-se dos corpos dos presentes, e em ocasiões especiais, são homenageadas, como é o caso, no romance, do episódio em que é descrita a festa anual em louvor de São Sebastião ou de Santa Bárbara. Essas solenidades são caracterizadas por apresentarem músicas instrumentalizadas, danças e movimentarem a vida social das pessoas da comunidade.

Em linhas gerais, o jarê é marcado por festividades e rituais de cura. “As principais atividades realizadas em um terreiro de jarê são as revistas e o trabalho.” (ALVES; RABELO, 2009, p. 5). Nos ritos de cura, o primeiro momento é chamado de revista e consiste num tipo de consulta privada contando com a participação apenas do curador e de seu cliente.

Donana tentou de todo jeito fazer com que o filho retornasse do encanto. [...] consultou o curador João do Lajedo, conversou com outros curadores, e

todos diziam que não havia muito a fazer, que ela estava em dívida com os encantados porque se negava a cumprir sua missão na terra (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 168).

Na revista, o curador (ou pai de santo) constrói uma narrativa para explicar as causas das enfermidades do cliente e prescreve o tratamento, que vai desde remédio de farmácia, uso de ervas ou cerimônias públicas. Os motivos apontados, na maioria das vezes, derivam-se de questões espirituais. “Zeca Chapéu Grande havia colocado sua mão sobre a cabeça dos que agora se abaixavam e rezavam por sua alma, em reverência. Cada um tinha uma história de loucura, de bebida, de quebranto e mau-olhado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 171).

Assim, como assinala Alves e Rabelo (2009), o principal método terapêutico indicado pelo curador para as aflições de seus clientes é o trabalho, um ritual público que tem por finalidade “fechar” o corpo da pessoa e restabelecer o equilíbrio perdido com as forças espirituais.

Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital da capital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33).

A última fase do processo de cura, chamada de resguardo, corresponde a “um período de reclusão no terreiro durante o qual o curador controla o que seu cliente pode fazer e comer” (ALVES; RABELO, 2009, p. 12). Esse estágio final é representado na obra como sendo as internações que aconteciam na casa dos curadores, especialmente nos casos de loucura.

Ademais, é importante ressaltar a função da parteira nessa conjuntura sagrada que, em um segundo plano, apresentava singulares contribuições sociais. Essa figura era simbolizada pelas personagens Donana e Salustiana, a mãe e a esposa de Zeca Chapéu Grande. “Passei a acompanhar Salu quase toda semana para ajudar as mulheres no parto. [...] seguia de casa em casa para pegar criança, com as forças do Velho Nagô, lembrava sempre, e se regozijava com o ‘Deus lhe pague’” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 105). A influência dos caboclos também é

perceptível nessa tarefa. No caso de Salustiana havia a orientação do Velho Nagô, encantado que acompanhava seu marido.

Outra peça relevante para esse credo é o líder religioso chamado, tradicionalmente, de curador ou pai de santo. Essa personalidade é revestida de poderes místicos, empresta seu corpo aos encantados e realiza festividades de cura. Em *Torto Arado*, Zeca Chapéu Grande, o pai das protagonistas, assumia esse encargo.

O curador Zeca Chapéu Grande tudo podia. Se transformava em muitos encantados nas noites de jarê. Mudava a voz, cantava, rodopiava ágil pela sala, investido dos poderes dos espíritos das matas, das águas, das serras e do ar. Meu pai curava loucos e bêbados (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 126).

A escolha de um curador de jarê, do mesmo modo, faz parte de um plano sobrenatural. De acordo com Alves e Rabelo (2009), essa atribuição é imposta pelos caboclos à pessoa, que é acometida por transtornos e complicações, geralmente mentais, até que aceite seu propósito.

Zeca, quase homem-feito, passou a ter fortes dores de cabeça. [...] deitava no chão, encolhido, sem comer ou dormir. Se passaram dias e Zeca começou a gritar como um animal de caça, lançando gemidos por todo canto, os olhos percorrendo o espaço e as pessoas. Donana viu que sua resistência havia feito com que o filho mais velho enlouquecesse (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 168).

A personagem Zeca Chapéu Grande acabou herdando o destino da mãe, em decorrência da recusa dela em acatar a vontade dos encantados. Assim, para se livrar de seus infortúnios, Zeca torna-se um curador. A obra mostra que esse guia possuía certa autoridade tanto entre a comunidade como em relação às pessoas influentes que não faziam parte de sua classe social. “Colaborava com sua liderança espiritual para a manutenção da ordem entre as famílias que moravam ali. Era a ele que Sutério ou qualquer um dos herdeiros se dirigia para pedir a intervenção em conflitos dos mais variados” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 86).

A intervenção exercida pelo curador e os princípios advindos do jarê não supriam apenas as necessidades espirituais dos indivíduos pertencentes àquela coletividade, mas fornecia mecanismos de sobrevivência em um ambiente de exploração e violência.

Zeca Chapéu Grande havia mantido os moradores da fazenda unidos, foi liderança do povo por anos, e sem permitir que infligissem maus-tratos a nenhum trabalhador da fazenda, muitas vezes interveio, sem afrontar Sutério, para impedir injustiças maiores que as que já existiam. Graças às suas crenças, havia vigorado uma ordem própria, o que nos ajudou a atravessar o tempo até o presente” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 196).

Igualmente, a configuração do jarê serve como base para a organização social de seus praticantes. Essa religiosidade está imbricada no modo de vida de seus fiéis, de forma a conceber vínculos de solidariedade e fraternidade, bem como de laços que os impulsionam a se manterem unidos e resilientes contra as agruras que os acometem.

Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

A principal dessas relações de parentesco consistia na ligação entre o curador e seus filhos de santo. Todos os integrantes da comunidade acabavam, de algum modo, sendo adotados espiritualmente por esse guia. Ademais, características desse credo aparecem ao longo de todo o romance, mostrando sua riqueza e expressividade, fator que dá voz a uma de suas entidades para narrar o desfecho da história. Portanto, o jarê é marca visível da identidade desse povo, além de ser o formador de sua cultura, fazendo com que não se apague mesmo em situação de exclusão histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o desejo de pesquisar sobre o tema surgiu de um particular encantamento pela literatura regional, que despertou meu interesse em analisar *Torto Arado* justamente por ser uma obra que tem afinidades com essa abordagem ficcional. Ao percorrer seus capítulos, a descrição da forma de religiosidade praticada no espaço da narrativa se mostrou inédita, motivando sua escolha como objeto de investigação desta pesquisa.

Torto Arado se circunscreve numa linha de pensamento com inquietações políticas. O impacto causado no âmbito social e, particularmente entre os leitores, é o reflexo de ser um romance elaborado a partir de uma série de experiências vividas

pelo autor e que deixa transparecer os contatos deste com a literatura ao longo de sua vida, permitindo a identificação de filiações, principalmente, com os grandes nomes das gerações de 30 e 45. Isso indica que a criação literária não acontece por acaso, sendo sempre movida por um objetivo e a partir de uma visão de mundo.

Ao simbolizar um “Brasil profundo”, o livro do geógrafo apresenta uma dinâmica de denúncias em que põe em evidência um cenário de mazelas, violência e injustiças que ainda acometem o campo, deitando por terra a ideia da erradicação da exploração do trabalho humano. Entretanto, como foi discutido nas seções anteriores, a reflexão social não é característica particular desse romance, pois ao longo do desenvolvimento da literatura universal, sobretudo do gênero citado, é perceptível uma constante sensibilidade do escritor em expor desigualdades sociais, de gênero e cor.

Além da ênfase nas disparidades geradas pelas conjunturas políticas e que oprimem certos grupos, a ficção empenha-se na tarefa de representar culturas, na intenção de estabelecer identidades e documentar como povos constroem seus valores, formas de resistência e de se comunicarem.

Posto isso, ao descrever aspectos relativos ao jarê, expressão religiosa pertencente à comunidade que protagoniza seu enredo, *Torto Arado* mostra que o surgimento dessa religião está interligado com a história das pessoas e eventos que marcaram a região da Chapada Diamantina, espaço onde se passa a trama. Além disso, revela que essa religiosidade tem uma significância social que mantém essa população resistente à opressão e unida em elos de fraternidade. Logo, esse credo permite, através de seus rituais e festividades, que esse grupo historicamente isolado e esquecido se fortaleça e organize sua configuração ética e cultural.

Desse modo, essa obra marca a experiência de seus leitores no sentido de acrescentar lições de como o texto literário pode nos deslocar para compreender o outro que, muitas vezes, não enxergamos. Além disso, é notório que, em nossa sociedade, os grupos afrodescendentes também são vítimas de um preconceito cultural o qual, através da propagação de estigmas, isola e rotula pejorativamente suas religiões. As formas de expressão desse povo são mascaradas por uma polarização cultural dominante e branca. Nessa perspectiva, Itamar Vieira Júnior deu voz a essas pessoas, assim como uma das protagonistas falava por sua irmã que, em decorrência de um incidente, acabou sendo emudecida.

Portanto, produções como *Torto Arado* podem ser um instrumento poderoso de humanização, nos levando a um processo de alteridade e de desconstrução dos nossos preconceitos, ampliando nossa capacidade de sermos cidadãos críticos e de perceber as relações que subjagam as camadas fragilizadas da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam Cristina. O Jarê – religião e terapia no candomblé de caboclo. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT*, 5., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2022.

BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. *In: Revista de @ntoplogia da UFSCar*, v. 2, n. 9, 2017. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/07_Gabriel_Banaggia.pdf> Acesso em: 15 mar. 2022.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

CARMO, Cláudio do. Literatura e política: uma introdução. *In: Soletras*, v. 2, n. 36, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/33978/26599>> Acesso em: 17 nov. 2021.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOWE, Irving. **A Política e o Romance**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KARNAL, Leandro. O QUE APRENDEMOS com "Torto Arado"? **Prazer, Karnal**, 2021. 1 vídeo (1h 03 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bh7oR7oSKAw>> Acesso em: 11 set. 2022.

LUCAS, Fábio. **O Caráter Social da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

SILVA, Rayssa Raquel Marinho da. **Terra, Negritude e Romance em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior**. 2021. Monografia (Graduação - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura – Bacharel), Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/30623/1/2021_RayssaRaquelMarinhoSilva_tcc.pdf> Acesso em: 19 set. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Entrevista concedida ao programa Roda Viva – 15/02/2021. **Roda Viva**, 2021a. 1 vídeo (1h 31 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MU9iUc2UHBQ&t=3873s>> Acesso em: 10 jan. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. O lavrador, Itamar Vieira Júnior luta pela reforma agrária, enquanto colhe os louros de ser o maior escritor do Brasil hoje. Entrevista concedida à Ecoa, plataforma de jornalismo do Uol. **ECO A Uol**, 2021b. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/itamar-vieira-jr-trabalha-pela-reforma-agraria-enquanto-colhe-louros-de-ser-maior-escritor-brasileiro-hoje/>> Acesso em: 27 jun. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Entrevista concedida ao programa Entrelinhas - episódio 18 | 18/03/2022. **TV Cultura**, 2022a. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ZHTX_h2BjA&t=314s> Acesso em: 6 jun. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. QUARTA Capa #24: Itamar Vieira Junior - Caminhando através da paisagem (Entrevista). **Todavia**, 2022b. 1 vídeo (43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V_kjyfXXCR4> Acesso em: 6 jun. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. “O Brasil está encajado no passado, que resiste em ser superado”. Entrevista concedida à Rádio Brasil de Fato. **Brasil de Fato**, 2021c. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/10/itamar-vieira-jr-o-brasil-esta-encalhado-no-passado-que-resiste-em-ser-superado>> Acesso em 27 jun. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo nordeste no livro mais vendido do Brasil. Entrevista concedida à revista Forbes. **Forbes**, 2021d. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>> Acesso em 22 jun. 2022.